

A FIGURA AUTORAL NA FICÇÃO DE AUTRAN DOURADO

Andréia Silva de Araújo (Doutoranda em Literatura e Cultura, UFBA)

RESUMO

O presente artigo objetiva investigar as formas pelas quais Autran Dourado entende e articula em sua produção literária a questão da autoria e a constituição de sua figura de autor. Para isso, traçamos um paralelo entre o desenvolvimento das discussões teóricas sobre a figura autoral e as formas segundo as quais elas se apresentam na produção do escritor mineiro. Por meio do cruzamento dos depoimentos do autor a respeito de sua obra e dos livros em que mais diretamente teoriza sobre ela, desenvolvemos um esforço de mapear analiticamente o investimento do autor na constituição de sua própria figura autoral. Tendo como base os estudos de Albornoz (2012), Azevedo (2007), Barthes (2012) e Premat (2009) conclui-se que a autofiguração é uma característica marcante da vida literária de Autran Dourado, escritor que se encarregou de escrever simultaneamente uma obra e a história dessa mesma obra de modo a relacioná-la a uma identidade de autor dotada de uma trajetória – sendo possível identificar o nascimento de Autran Dourado “autor”, bem como a constituição de mitologia autoral construída desde suas primeiras publicações.

Palavras-chave: Autran Dourado; Autoria; Autofiguração.

ABSTRACT

The present article aimed to investigate the ways by which Autran Dourado senses and articulates in his literary production the authorship matter and the constitution of his authorial figure. To do this, we traced a parallel between the development of the theoretical discussions about the authorial figure and the ways by which it is presented in the work of the writer from Minas Gerais. Using the crossing of the author's statement about his work and the books which theorize more directly about it, we developed an effort to analytically map the author's investment on the constitution of his own authorial figure. Using as a base the studies of Albornoz (2012), Azevedo (2007), Barthes (2012), and Premat (2009), it is concluded that the self figuration is an outstanding feature of the Autran Dourado's literary life, writer that is responsible of writing simultaneously a work and its own history in a way that connects it to an authorial identity provided with a trajectory – being possible to identify the Autran Dourado's birth as an author, as well as the constitution of the authorial mythology built since his first publications.

Keywords: Autran Dourado, authorship, authorial figure.

INTRODUÇÃO

A obra escreve o seu autor?
Autran Dourado (1982, p. 26).

Em seu livro *O meu mestre imaginário*, misto de ficção e especulação teórica publicado originalmente em 1982, Autran Dourado aponta para uma das problemáticas centrais da teoria da literatura no século XX: a figura do autor. Tendo decrescido em importância ao longo do século, e não mais vista como origem e autoridade legítima sobre os sentidos do texto, a figura autoral foi objeto de reflexão de variadas perspectivas teóricas da literatura que, ao longo do século XX, paulatinamente solaparam a concepção de uma figura autoral sacralizada, centrada numa identidade individual homogênea, determinada, estável e anterior ao texto, do qual detém as “chaves do sentido”.

Essa guinada na compreensão da figura autoral, e sua relação com a constituição dos sentidos do texto, culminou na tese da morte do autor apresentada por Barthes, em 1966: “[...] A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve [...]” (BARTHES, 2012, p. 57). Desde então, a compreensão do papel da figura do autor em relação à obra apontou para uma reconfiguração da instância autoral que rejeita a anterioridade e a primazia do autor em relação ao texto, bem como as noções de originalidade e de gênio (e seus corolários): o entendimento do autor como identidade fixa, monolítica e absoluta cede espaço para a dissolução e a dispersão de sua identidade num conjunto de citações e reminiscências de um conjunto de textos. Segundo Luciene Azevedo:

[...] Parece inegável que a crítica e a teoria literária têm posto em xeque a figura do autor como instância confiável de explicação de sua obra. A começar pelos Formalistas Russos e sua noção de literariedade, passando pela denúncia da falácia intencional feita pelos Novos Críticos, até o gesto radical da morte do autor, a teoria literária parece ter se empenhado em deslocar a autoridade exterior do autor a fim de investigar os mecanismos que tornam possíveis a emergência do literário. [...] (AZEVEDO, 2007, p. 135-136).

Todavia, e a despeito de sua propalada ‘morte’, a figura autoral continua sendo, na contemporaneidade, objeto da atenção dos estudiosos dentro de chaves interpretativas novas que, estando voltadas para o que se poderia chamar de retorno da figura autoral – na esteira da teorização de Michel Foucault sobre a ‘função-autor’ – registram e exploram as estratégias pelas quais a autoria se processa na contemporaneidade, apontando para a emergência de um novo regime representativo em que a autoria se apresenta como jogo e performance no espaço entre a figura autoral (compreendida como uma construção discursiva que agencia as esferas biográficas e midiáticas) e o discurso literário.

Tal compreensão da autoria nos permite pensar as estratégias por meio das quais um autor produz a si mesmo enquanto figura de autor, e se presentifica no discurso artístico através da construção de figuras de si mesmo que recorrem às relações entre o espaço literário e o espaço “vivido”. As fronteiras en-

tre tais esferas se tornam permeáveis através do investimento do autor na constituição de uma imagem de si e de sua obra, recorrendo para isto aos espaços público e midiático e, por meio de tal processo, podendo mesmo sugerir ao leitor, inclusive, percursos de leitura e de compreensão de sua produção.

Em palavras de Autran Dourado, “[...] Entre a obra e o autor se faz um mundo [...]” (1982, p. 24) e é justamente este mundo, compreendido como jogo de figuração, que tem despertado o interesse das teorias na contemporaneidade. Na definição de Premat (2009, p. 15) “[...] uma autofiguração implica na criação de um personagem, no interstício entre o eu biográfico e o espaço de recepção de seus textos [...]”. É em relação a tal questão que este trabalho se posiciona, tendo como objeto de estudo a forma como o escritor Autran Dourado realiza uma inflexão sobre sua própria obra através de textos escritos com a intenção declarada de servirem de comentários e possíveis chaves e caminhos de leitura de sua produção. Tal processo é perpassado pela construção de sua figura de escritor por meio também de suas entrevistas, aparições públicas e cursos ministrados em universidades, bem como no corpo de seus próprios textos ficcionais de marcado aspecto metaficcional.

A METAFICCIONALIDADE NA LITERATURA AUTRANIANA

Escritor estreante na década de 1940 com a novela *Teia* (1946), Autran Dourado compartilha a preocupação dos escritores do alto modernismo com o processo de criação artística, atitude responsável por imprimir à sua obra um caráter metaficcional. Os problemas relativos ao processo de criação artística – mais precisamente da construção da narrativa, as relações entre imaginação e memória, os limites entre o vivido e o ficcionalizado – estão presentes em seus contos e novelas desde as suas primeiras publicações. Exemplo disso são os contos de *Nove Histórias em Grupo de Três*, publicado originalmente em 1957. No conto “Inventário do primeiro dia” o autor reflete de maneira mais direta sobre as relações entre invenção e memória, encerrando a narrativa da seguinte forma:

[...] Enquanto a noite rolava, fazia um inventário completo de seu primeiro dia no internato. E então já não estava mais se lembrando, mas contando a alguém a sua história. Começava a inventar? Talvez, porque a memória não é estanque. Contava a sua história. (DOURADO, 2004, p. 115).

Imaginação e memória seriam, portanto, duas faces de um mesmo processo que envolve a captação e reelaboração subjetiva do vivido, projetado na ficção e transformado em história. A distância entre a experiência ficcional e a ‘realidade’ vivida ou biográfica elide-se no jogo que é a construção da narrativa.

O aspecto metaficcional da narrativa autraniana pode ser entendido tanto como uma tendência das produções literárias da época, já que é um traço facilmente identificável em outros autores da Literatura Brasileira como Clarice Lispector e Guimarães Rosa, como resultante de um investimento do autor na criação, demarcação e expressão de uma postura autoral definida, estabelecendo e defendendo uma visão

– e uma consequente atitude – em relação à criação literária e aos percursos de recepção de sua própria obra.

Tal aspecto na escrita de Autran Dourado parece apontar para a emergência de um novo regime de escritura e de autoria que se encontra em pleno curso na contemporaneidade, identificado ao processo ao qual alude Premat (2009) em sua reflexão a respeito da literatura Argentina:

[...] A escritura moderna na Argentina supõe em paralelo com a produção de uma obra, a construção de uma figura de autor. Uma figura de autor tanto no plano tradicional e conhecido dos meios culturais, acadêmicos e editoriais, como, o que é menos previsível, um personagem de autor, uma ficção de autor nos textos [...] (p.15) (tradução minha).¹

Autran Dourado atuou como crítico de sua própria obra em publicações como *Uma poética de romance: matéria de carpintaria*, de 1976, em que se dedica a pensar questões teóricas da literatura voltadas especificamente para o seu universo de produção, colocando-se na posição de uma espécie de crítico autorizado de si mesmo – o que causou certo alvoroço no meio intelectual brasileiro pouco afeito a tais incursões na época. E por meio dos chamados ‘ensaios fantasia’, publicados em 1982, no livro *O meu mestre imaginário*, em que o autor simula um diálogo com seu mestre (orientador de sua criação artística) para tecer reflexões pontuais a respeito de suas concepções sobre a literatura, a arte, o papel do autor e a sua própria atuação.

Em 1989, publica *O artista aprendiz, Bildungsroman*, no qual passa em revista, de maneira ficcionalizada, aspectos de sua vivência biográfica e de sua formação como escritor, dialogando com acontecimentos da cena literária brasileira. No romance, o autor vale-se da criação de um alterego, o personagem-escritor João da Fonseca Nogueira, para pensar questões que se impuseram a seu ofício de escritor, bem como suas ‘afiliações espirituais’, destacando os circuitos mineiros de formação de escritores, aglutinados em torno da figura de Mário de Andrade e sua posição singular nessa cena, tendo optado por outros caminhos.

Em *Gaiola Aberta: tempo de JK e Schmidt*, publicado no ano 2000, Autran Dourado se lança num ousado projeto em que relata sua experiência biográfica com a política, no período em que atuou como assessor do presidente Juscelino Kubitschek, revisitando um tema ao qual já havia se dedicado no romance *A serviço del-Rei*, de 1984, e a respeito do qual declara: “É o resultado de minha vivência política no governo de Minas e na Presidência da República [...]” (SOUZA, 1996, p. 20). Valendo-se mais uma vez das ambivalências entre escrita ficcional e memória – estas apontadas logo na orelha do livro que alerta o leitor para o fato de que se trata de um livro de memórias, ao passo que a ficha catalográfica se exime de classificar a narrativa – o autor classifica a própria obra, no depoimento que serve de prefácio e conta as motivações de sua escrita, como “reportagens históricas e sentimentais”.

Em 2009, sua última publicação, *Breve Manual de Estilo e Romance*, passa mais uma vez sua formação como autor, investindo novamente numa crítica sobre a própria obra e na apresentação reiterada de

1. “La escritura moderna en Argentina supondría en paralelo con la producción de una obra, la construcción de una figura de autor. Una figura de autor, tanto en el plano tradicional y conocido de los medios culturales, académicos y editoriales, como, lo que es menos previsible, un personaje de autor, una ficción de autor en los textos.” PREMAT, Julio. *Héroes sin atributos*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

seu projeto literário se dirigindo aos jovens escritores em formação como uma espécie de mestre. Ao tom professoral do livro mesclam-se depoimentos e reflexões de ordem teórica tendo como referência sempre o próprio universo de produção e a história da formação do “escritor Autran Dourado”, por meio de um conjunto de relatos biográficos a respeito de episódios de sua trajetória literária: “[...] escrevo este livro híbrido, meio de memórias ou manual de estilo e romance [...] Assim, inicio este livro dúbio: é ao mesmo tempo de memórias de aprendizado e manual de serviço [...]” (DOURADO, 2009, p. 7-9).

Tanto nas obras de ficção de Autran Dourado, quanto em seus textos teóricos e com depoimentos abundantes sobressai o investimento simultâneo de constituição e defesa de um projeto literário, vinculado à representação de uma história de autor (no sentido mesmo da formação de uma personalidade ou *persona* literária) que serve como estratégia para consolidação de um nome que deverá persistir na Literatura Brasileira e resistir à morte do indivíduo Autran Dourado. Ou seja, trata-se de um projeto de construção e perpetuação de um nome. Reproduzindo uma conversa (terá realmente acontecido?) com Silviano Santiago, no extenso depoimento que serve de prefácio à obra *Gaiola Aberta: Tempos de JK e Schmidt*, o autor declara:

[...] Sim, quero que meus livros e romances sejam lidos e entendidos, mesmo após a minha morte, quando já terei virado fumaça, disse eu. Eles têm uma existência real, eu como pessoa não tenho a menor importância. Espero que eles perdurem no tempo. [...] (DOURADO, 2000, p.18).

Através de sua atuação no campo literário mais amplo, que envolve não apenas a escrita e a publicação, mas entrevistas, cursos, depoimentos e aparições públicas, o autor inaugura um espaço de circulação em que pode criar a um só tempo a si mesmo e posicionar a própria obra na cena literária: trata-se da constituição de um espaço de figuração.

ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

A constituição da figura de Autran Dourado como escritor profissional, crítico e atuante na cena literária nacional e internacional, passa necessariamente por suas aparições públicas, nos espaços de circulação de suas ideias e de suas obras, em seu ativismo em prol da construção de sua identidade literária, que se faz a partir de suas preferências e de seu posicionamento ativo como autor.

Simultaneamente às publicações em livro sobre a própria obra, Autran Dourado colaborou de maneira intensa com universidades brasileiras, participando de cursos e palestras voltados especificamente para a própria produção, tais como sua presença na PUC/RJ, em 1974, a convite do Departamento de Letras e Artes.

Os depoimentos resultantes de tais encontros também são documentos importantes a serem considerados no mapeamento da preocupação do autor em criar figuração de si e da própria obra, e na determi-

nação dos caminhos de leitura e recepção de sua produção literária. Como exemplo disso temos a sua fala, em 1979, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, por ocasião da Semana do Escritor Brasileiro.

O depoimento prestado na ocasião foi mais tarde incluído no livro *Novelas de Aprendizado*, de 1980, sob o título “Começo de aprendizado”. É mais uma das contumazes incursões do autor em sua trajetória literária, constituída como uma narrativa que concorre com sua elaboração ficcional e também a perpassa:

[...] Não nos percamos nas veredas da política, recuemos outra vez no tempo, cheguemos à *idade do autor* de 17 anos. *Aos 17 anos eu* tinha pronto um livro de contos. A pedido do meu pai, que queria avaliar a minha vocação, o escritor Godofredo Rangel leu os originais [...]. (DOURADO, 2005, p.11) (grifos nossos).

Em 1992, presta mais um depoimento que será anexado à sua fortuna crítica, durante evento na UFMG. Nele, o autor mais uma vez inicia suas considerações com uma incursão simultânea no desenvolvimento de sua vida literária e em aspectos críticos de sua obra, para logo depois centrar-se em reflexões a respeito da cena literária brasileira a fim de esclarecer sua posição singular em relação aos demais autores de sua geração e seus contemporâneos de atuação: “[...] Não sei precisar que influência pode haver de Guimarães Rosa e Clarice Lispector na minha ficção. Éramos três escritores contemporâneos usando maneiras diferentes de escrever [...]” (SOUZA, 1996, p. 46).

O autor participou de eventos acadêmicos e festivais literários, com destaque para a palestra no Literarische Colloquium, em Berlim, por ocasião do Prêmio Goethe de Literatura, em 1982, o discurso de abertura da 9ª Feira Internacional do Livro em Buenos Aires, em 1983, a palestra “A Literatura e o Mito”, no 3º congresso da Abralic, em 1992, a conferência na Sorbonne sobre seu romance *Os sinos da agonia* e também em vídeo-documentários e constantes aparições públicas. Além disso, Autran Dourado colaborou como articulista para os periódicos *Jornal do Brasil*, o *Estado de São Paulo* e *Estado de Minas*.

É digno de nota que os resultados de suas atividades nesses espaços de circulação estejam sempre imbricados em sua produção ficcional, principalmente nos prefácios que narram a ‘história da história a ser contada’, compondo uma espécie de anedotário de seu processo de criação e de sua trajetória de escritor. Do mesmo modo, as aparições públicas de Autran Dourado e seus depoimentos apontam para a representação da imagem do ‘escritor-crítico-profissional’, empenhado na execução sistemática de seu projeto literário dirigido por uma consciência responsável pelo ordenamento e coerência interna de sua produção.

O CRÍTICO DE SI, A MITOLOGIA DO AUTOR

Por mais intrincado que seja o labirinto, (a obra pronta e acaba; melhor – durante e depois principalmente), há todavia um autor. Por mais que ele se disfarce, procure desaparecer na própria obra.

Autran Dourado (1982, p. 26).

“Me desculpe a imodéstia, falo do que fiz e do que sei. Se falo tanto de mim é porque sou o autor que mais conheço, vivo com ele [...]” (DOURADO, 2009, p. 17). Com tal afirmação, o autor claramente se coloca na posição de um crítico autorizado de sua própria produção, a despeito de ter declarado em seus ‘ensaios fantasia’ que “Um autor só é autor no momento exato em que escreve. Depois, passa a ser um leitor a mais de sua própria obra. Não sei mesmo se um leitor privilegiado, leitor ou gerente de si mesmo [...]” (DOURADO, 1982, p. 24). Ao que parece, observando o percurso de sua produção e atuação na cena literária, o autor decidiu-se por se considerar um leitor privilegiado e gerente de si mesmo.

Singularizando a própria figura na contramão de uma tradição que identifica na Literatura Brasileira com o ‘mito do escritor ignorante’, Autran Dourado constrói e reafirma para si a imagem de escritor consciente e ‘esclarecido’, profissional, em cujo trabalho estão presentes a pesquisa formal, especulação teórica e crítica como componentes de um sólido projeto literário de feição incomum na cena literária brasileira:

[...] O Brasil cultivava vários mitos, entre eles o do escritor ignorante. [...] Eu sempre procurei pensar a minha obra. Não somente pensar os grandes problemas do homem através de minha obra, mas pensar e repensar a minha própria obra, analisá-la e mostrar como eu a concebo e faço. Em um país como o Brasil, ainda bastante atrasado, o novelista, o poeta e o romancista não têm apenas de fazer a mágica, mas de explicar o truque. [...] (SOUZA, 1996, p. 41).

Depreende-se do comentário a representação de um autor que reflete sobre as peculiaridades de se fazer literatura no Brasil, bem como uma postura ativa e até mesmo militante no combate ao chamado do mito do ‘escritor ignorante’. Tópicos como a relação entre literatura e participação política também se fazem presentes no horizonte de questões às quais o autor se dedica, posicionando-se contra, por exemplo, a literatura a serviço da causa política e social que dá o tom das décadas de 1960/70.

A elaboração de uma linguagem artística brasileira é uma preocupação do escritor, que se reconhece como autor de literatura brasileira, tendo em vista a força da língua na constituição da subjetividade desse autor, que se expressa em língua portuguesa e tem nos clássicos da literatura portuguesa e brasileira a sua formação como escritor: “[...] Eu sou fruto da língua e da linguagem, tanto que sem a linguagem não consigo conceber, não consigo escrever. A minha pátria é a minha língua. [...]” (SOUZA, 1996, p. 48).

Digna de nota também é a relação entre a autorreflexividade e autoria na escrita autraniana. O processo autorreflexivo na construção ficcional de Autran Dourado é perpassado por uma preocupação constante de estabelecer o seu perfil de autor, investindo na formação do personagem, do nome “Autran Dourado, importante ficcionista brasileiro”. Existe um claro esforço para concepção de tal imagem, formadora de uma identidade de autor como o núcleo criador de um projeto literário consciente, consistente e acabado que antecede a elaboração ficcional:

Desde muito cedo cuidei de ter um ambicioso projeto literário. Eu queria ser, tinha a pretensão de ser o escritor mais importante da minha geração. Para que pudesse realizar esse projeto, procurei seguir outro conselho de Godofredo Rangel, que me disse uma vez

– Pague qualquer preço. Se você não quiser pagar um preço alto, não se meta nisso, vá fazer outra coisa mais rendosa e até mais agradável. (SOUZA, 1996, p. 33).

Tal investimento na elaboração de uma figura e de uma identidade autoral, detectável na produção ficcional de Autran Dourado e em sua atividade que podemos chamar de “paraliterária” (envolvendo aí os circuitos de cursos, entrevistas e aparições públicas), se relaciona à execução de um projeto que envolve criação e crítica como mecanismos responsáveis por criar e fazer repercutir uma espécie de marca autoral, um regime de escrita e de assinatura de autor que marca seu espaço e sua posição na cena literária. A respeito de tal procedimento, analisa Albornoz (2012):

Assim, o autor é, junto com sua obra, um espaço cultural a partir do qual é possível pensar a prática literária em todos os seus aspectos. Uma prática que deve ser contextualizada e que, portanto, estará relacionada com algum momento de evolução da cultura. Em alguns casos, chegam a se formar mitologias autorais, independentemente da escrita, que funcionam como relatos fabuladores e que podem desembocar em projetos performáticos. Há, por trás da figura, uma busca de sentido, assim como a construção de uma identidade que cria as condições que possibilitam a obra: um conjunto coerente, organizado, delimitado, fechado [...] (p. 40-41).

Ao mesmo tempo, Autran Dourado recusa a posição de detentor absoluto das chaves do sentido de sua obra: “Longe de mim querer dirigir a leitura de minha obra, sei que cada um tem a sua e que só ‘Deus sabe por inteiro o risco do bordado’, como diz um ditado de minha terra.” (DOURADO, 1994, p. 120). Ainda que em texto de 1982 tenha afirmado: “Mas o autor, por mais variada e ignota que seja a sua obra, é ele que possui as chaves das muitas portas [...]” (DOURADO, 1982, p. 26).

Os relatos fabuladores são parte importante dos depoimentos de Autran Dourado, afeito à disseminação de narrativas – algumas mesmo inusitadas, e animadas por certo tom anedótico – a respeito do seu processo de criação e de escrita, como no caso da concepção da narrativa de *Uma Vida em Segredo*, apresentada em seu depoimento prestado na UFMG, em 1992, e registrado em livro por Eneida Maria de Souza, que reproduzimos a seguir:

Assim foi a história de *Uma Vida em Segredo*. Eu estava em casa à noite sozinho, a família já havia dormido, tomando um uísque. Minha atenção se voltou para uma canastra que foi de meu bisavô. Me ocorreu então a ideia de que um dia eu poderia escrever uma história dessa canastra. Fui dormir e no sonho me apareceu uma prima de meu avô, prima Rita que, sentada na canastra, me conta toda a sua história. Era uma pessoa que não tinha a menor importância na nossa vida. Quando me lembro dela, eu era menino e prima Rita já velha. Não somente me contou a sua história, chegou mesmo a dizer um nome, que não era o dela. Eu me chamo Gabriela da Conceição Fernandes, Biela para os íntimos. Acordei de repente, acendi a luz do abajur, peguei um caderno que trago sempre comigo, escrevi à taquígrafia numas três páginas tudo que ela me contara muito ordenadamente; voltei a dormir. No dia seguinte, com muita desconfiança, fui ler o que eu havia escrito. Não confio muito em bebida, droga, amor mal contrariado, como condições ideais para escrever; em geral, o que produzimos nessas circunstâncias não passa de coisa fluida, senão desconexa, sem muito valor. Pelo menos é isso o que ocorre comigo. E, para surpresa

minha, com a cabeça fria, verifiquei que a história de prima Biela estava realmente pronta, eu nada teria a acrescentar. (SOUZA, 1996, p. 39).

Por meio do relato de uma situação ‘biográfica’ (real?) o autor demonstra sua teoria pessoal acerca da criação literária, apresentada como vivência e como história que não se separa da experiência pessoal e íntima. Aproveitando-se do episódio, mais uma vez o autor afirma sua posição em relação ao fazer criativo como ato dirigido pela consciência, resultante de um trabalho racionalmente dirigido para a montagem da arquitetura da narrativa, pilar de seu projeto ficcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autofiguração é uma característica marcante da vida literária de Autran Dourado, escritor que se encarregou de escrever simultaneamente uma obra e a história dessa mesma obra de modo a relacioná-la a uma identidade de autor dotada de uma trajetória – seria mesmo possível identificar o nascimento de Autran Dourado autor, numa mitologia autoral construída desde o primeiro livro de contos editado pela família, os ensinamentos do mestre Godofredo Rangel, os primeiros prêmios literários e a ‘consagração’. Uma trajetória ascendente, portanto, que legitima o tom professoral de seu último livro, *Breve Manual de Estilo e Romance* (2009).

Subentende-se na análise que, para o autor, a construção de tal identidade é tão importante quanto a da própria obra e em ambas, que reciprocamente se consolidam, seriam as responsáveis por garantir à sua produção um lugar na tradição capaz de ‘salvar’ o seu nome do esquecimento. A recorrência mesmo obsessiva do autor a si mesmo, e à própria trajetória, em que divisamos uma imbricação do literário com o biográfico e ao seu projeto ficcional (um projeto de vida?) pode ser lida como uma demonstração do caráter consciente empenhado na constituição de um projeto autoral.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Carla Victoria. **É ou não é?** Sistemas de escrita na obra de Osvaldo Lamborghini, César Aira e Mario Bellatin. 2012. 154f. Tese (doutorado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

AZEVEDO, Luciene. Autoria e Performance. **Revista de Letras**. São Paulo, nº 47 (2), p. 133-158, jul./dez. 2007.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DOURADO, Autran. **Uma poética de romance**: matéria de carpintaria. Rio de Janeiro/ São Paulo: Difel, 1976.

_____. **O meu mestre imaginário**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. **O artista aprendiz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. Os Sinos da Agonia: romance pós-moderno. **Revista USP**. n. 20. 1994. p. 119-124. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/>. Acesso em: 14 de jul. de 2016.

_____. **Gaiola Aberta**: Tempos de JK e Schmidt. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **Solidão Solitude**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. **Novelas de Aprendizado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. **Breve Manual de Estilo e Romance**. Editora da UFMG, 2009.

PREMAT, Julio. **Héroes sin atributos**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. **Autran Dourado**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

Submetido à publicação em 21 de março de 2017.

Aprovado em 11 de maio de 2017.